

# *O jogo bonito:* futebol na Inglaterra e no Brasil nos anos 50 e 60 <sup>1</sup>

**Kevin Foster**

Quando a Inglaterra, no dia 17 de junho, derrotou a Alemanha em Charleroi, na Eurocopa 2000, pareceu, pelo menos aos ingleses, que a ordem natural do futebol europeu - se não a ordem natural do mundo - finalmente havia sido restaurada. Os meios de comunicação britânicos têm descrito, com frequência, as competições esportivas contra a Alemanha - sobretudo as partidas de futebol - como decisões tomadas a título de reforçar as polaridades morais da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. Este caso não foi diferente. A eficiência mecânica das equipes alemãs - que conseguiram êxito nos anos 70, 80 e 90 - havia substituído o fanatismo desafortunado do nazismo como o emblema da outra Alemanha. Contudo, derrotar a Alemanha no futebol significava uma volta aos dias gloriosos da temporada pós-guerra, quando, apesar da austeridade inglesa e dos crescentes indícios de marginalização desta nação no contexto da guerra fria, se deleitavam com a refulgência de suas reivindicações morais e militares. Ao derrotar a Alemanha no futebol, a seleção inglesa ofereceu uma confirmação fugaz e ilusória de que Deus, certamente inglês, estava no céu, e que tudo estava em ordem no mundo.

A última vez que a Inglaterra derrotou a Alemanha em um campeonato importante ocorreu na final do campeonato mundial de 1966. Quando Bobby Moore, capitão da seleção inglesa, com apenas vinte e cinco anos de idade, recebeu, da jovem rainha Isabel II o troféu Jules Rimet, pareceu que no futebol - assim como na arte, na moda, na música, no cinema, inclusive na política - uma nova geração vigorosa, jovem e com estilo estava devolvendo a Inglaterra a sua legítima esfera de poder. Nas palavras de Bill Murray (o historiador, não o comico), o triunfo inglês refletiu “os ventos de mudança que sopravam nos anos 60” (1996, p.108). Mas o renascimento da política e da cultura que esta imagem significou estava equivocado. O vento de mudança foi, para os ingleses, um mal vento que lhes quitou os últimos vestígios de suas pretensões de serem uma super potência mundial. Uma crise da libra esterlina, em novembro de 1966, manifestou o seu grau de dependência econômica em relação aos Estados Unidos e, quando foi rechaçada outra vez a solicitação para integrar a Comunidade Econômica Européia, em novembro de 1967, ficou claro que o Reino Unido não só não teria direito a se considerar uma super potência, como tampouco seria uma potência européia. O caso da “Swinging Londres” significou simbolicamente

o colapso da *Calle Carnaby* e a revelação de que um de seus símbolos de estilo e virilidade - o 007 Sean Connery - vestia uma peruca, além de captar um sentido de pessimismo crescente que também foi registrado na deserção de um dos artistas mais precoces da nação: David Hockney, que emigrou para Los Angeles em 1964. Quando a cabeçada de Alan Shearer deu a vitória à Inglaterra em Charleroi, outra vez a Nação se deleitou e se apinhou ao redor do desvanecível resplendor do verão de 1966. Mas, nesta ocasião, o renascimento ilusório se apagou depois de somente três dias. O pênalti da Romênia, no último minuto, fez mais do que eliminar a Inglaterra do campeonato seguinte: confirmou que seu triunfo na partida contra Alemanha não havia devolvido a Inglaterra ao lugar que ocupara entre as mais seletas nações de futebol do mundo. O fato significou, como no triunfo de 1966, uma virada breve em sua implacável trajetória decadente.

Todavia, o triunfo da Inglaterra, no mundial de 1966, se estendeu como uma retomada do seu desempenho normal, após alguns momentos incômodos na década anterior, incluindo as derrotas para Irlanda e Estados Unidos. Murray mantém que as equipes britânicas “havia perdido sua maestria nos 30” (1994, p.148). Não obstante, mudanças decisivas na estrutura de poder do futebol mundial se fizeram mais claras com a chegada da televisão. Finalmente, descobriu-se, em novembro de 1953, o engano nas pretensões dos ingleses à condição de uma super potência futebolística, quando ‘a equipe de ouro’ da Hungria derrotou a Inglaterra por 6X3 em Wembley, destruindo sua invencibilidade neste estádio e pondo em evidência os defeitos de seu jogo pesado e físico. Se alguém duvidara do significado do resultado, seis meses mais tarde, em Belgrado, os húngaros duplicaram a diferença. Aumentando a vergonha, a televisão havia chegado a todas as partes do país pouco antes da primeira partida; a diferença de classe entre as duas equipes era óbvia. A verdade se revelou e os supostos imperadores do futebol estavam nus. A nova ordem do mundo estava emergindo nos anos 50 e, tanto no futebol como na política e no poder econômico e militar, a Inglaterra desceu de nível. Portanto, o ano de 1966, para os ingleses, foi mais um alívio do que um triunfo.<sup>2</sup>

Mas, apesar do triunfalismo com que se recorda o campeonato na Inglaterra, o mundial de 1966 não foi uma festa do futebol. A seleção inglesa jogou, durante todo o campeonato, sem ponteiros. Apinharam-se os jogadores no meio-campo e puseram suas esperanças em incursões rápidas e jogadas de lançamentos longos que chegaram a ser efetivas, se não bonitas. Foi também um torneio de partidas brutais. A mais notória foi a partida entre a Inglaterra e a Argentina, quando Rattín, o capitão argentino, foi expulso pelo árbitro alemão, Kreitlein, por questionar continuamente suas decisões. Mas a resolução de Kreitlein foi uma exceção isolada

em um torneio no qual as equipes e os jogadores mais hábeis receberam proteção insuficiente dos árbitros das partidas. O campeão dos dois mundiais anteriores, o Brasil, e seu meio-campista principal, Pelé, literalmente foram arremessados a patadas para fora do torneio. Brutalmente maltratado pelos búlgaros contra Portugal, Pelé foi submetido a um violento frenesi de chutes desleais cada vez que pegava a bola, sob os olhos tolerantes do árbitro inglês. Quando Pelé se retirou mancando do campo, foi seguido por seus companheiros, que foram eliminados do torneio antes das quartas-de-final. Na Inglaterra, as celebrações pela vitória amenizaram a desilusão que as táticas violentas e a debilidade dos árbitros causaram ao público inglês, ao impedi-lo de assistir ao futebol jogado pelos seus mais notáveis especialistas. A Inglaterra ganhou o campeonato, mas os críticos de todo o mundo observaram que, comparado ao talento e à espontaneidade dos brasileiros, o jogo inglês parecia austero e mecânico.

Tem-se discutido muito as origens deste estilo particularmente brasileiro<sup>3</sup>. O treinador do Brasil no mundial de 1970 - João Saldanha - sustenta que é derivado de quatro fatores: o clima, a pobreza do país, a composição étnica do povo e a condição do futebol se constituir em uma verdadeira paixão popular. Já Tony Mason aponta que o estilo brasileiro se deve ao papel do futebol no Brasil, a função atribuída ao futebol na sociedade. Em uma sociedade onde “as pessoas progridem por causa de suas relações familiares ou por conhecerem alguém influente, inclusive o presidente”, o futebol representa um pouco de democracia. No futebol, “a grandeza ou a decadência do homem dependem exclusivamente de sua competência e não de suas relações pessoais” (MASON, 1995, p. 123). A enorme popularidade que é dada ao jogo no Brasil, afirma Mason, influenciou diretamente no estilo do jogo.

Desde as primeiras décadas do século XX - quando negros, mulatos e pobres tomaram o controle do jogo no Brasil (no campo, pelo menos) -, formou-se uma reputação de ‘espontaneidade’ e ‘surrealismo’ em torno do futebol brasileiro, especialmente quando comparado ao jogo físico e organizado pelos europeus. A importância da espontaneidade e da improvisação se constituem numa característica específica do jogo brasileiro - a insistência no estilo, não como um meio para a vitória, mas como um objetivo em si mesmo. Sob esta perspectiva, converte-se em uma obra de arte em constante processo de reconstrução. Roberto DaMatta explica a diferença entre o futebol brasileiro e as outras maneiras de se jogar, a partir da distinção entre esporte e jogo. Para os brasileiros, diz ele, o futebol não é um esporte - como o é para os ingleses e para os norte-americanos - mas um jogo. Segundo DaMatta, o futebol, no Brasil, “nasce como um joguinho, que se joga com uma bola, e mais tarde não se abandona o jogo, porém ele passa a ser associado à destreza”(apud MASON, 1995, p.124). Os principais jogadores brasileiros das últimas seis décadas - Leônidas,

Ademir, Jair, Zizinho, Garrincha, Didi e, sobretudo, Pelé - têm sido aqueles para quem o futebol foi um jogo e não um esporte e para quem o estilo, e não a vitória, era o valor supremo. Ninguém brilhou mais nesse aspecto do que Pelé.

Até a sua chegada espetacular ao futebol internacional, com 17 anos de idade, no mundial de 1958, na Suécia, Pelé parece não só ter renovado a apreciação popular por um estilo individualista, como também por um enfoque dionísíaco do jogo, que lhe conferiu riqueza e reputação. Para alguns pesquisadores brasileiros de futebol e, especialmente ingleses, ele parecia encarnar uma sociedade muito mais aberta e igualitária do que a ordem inglesa calcificada do pós-guerra.

Pelé havia se tornado o jogador mais desejado do mundo futebolístico. Clubes como Real Madrid, Juventus e Internazionale de Milão ofereceram somas astronômicas pelo seu passe, mas Pelé rechaçou cada oferta, sedimentando seu futuro no Santos. Em 1960, o Congresso designou-o como um “tesouro não-exportável”, em moção aprovada por unanimidade e incluída no Diário Oficial (MURRAY, 1996, p.120). No mesmo ano, o Instituto Brasileiro do Café nomeou Pelé seu representante internacional - o emblemático produto de exportação nacional promovido pela preferida e mais conhecida identidade nacional. Seu casamento com Rosemary Cholbi, uma mulher branca, em 1965, estabeleceu ainda mais o status de Pelé, não apenas como ícone do mundo esportivo, mas também como ícone social e político. Segundo Robert Levine,

a publicidade dada ao matrimônio interracial enfatizou sua projeção: antes deste casamento, os matrimônios interraciais entre a elite não eram nada comuns, e quase nunca entre uma mulher branca e um homem negro. Finalmente, um negro pobre poderia ascender a um nível social mais alto e manter a sua identidade negra; poderia, inclusive, anunciá-la a todo o mundo (1980i, p. 244).

O Governo e alguns meios de comunicação brasileiros promoveram-no como mais um indício da “democracia racial brasileira”. Isto, como nota Levine, deu a Pelé um significado potencialmente explosivo, já que foi o primeiro brasileiro não branco celebrado como símbolo e fonte de orgulho nacional, não apenas pela cor de sua pele, mas por seus próprios méritos (1980ii, p. 460). Sempre um exímio jogador de equipe, Pelé produzia a imagem de alguém que respeitava a autoridade e era instintivamente patriótico. Sua vida tanto na esfera profissional quanto privada, como jogador de futebol e cidadão brasileiro, encarnava os valores do “trabalho em equipe e as virtudes da hierarquia”, tão caros aos chefes militares que governaram o país nos anos 60/70 (LEVINE, 1980i, p. 244-5).

Além de ser um fenômeno social e político, Pelé era um êxito comercial: sua carreira, em meados dos anos 60, argumenta Levine, foi “programada de modo

cuidadoso pelos publicitários” (1980i, p. 244). Pelé promoveu uma galáxia de produtos: refrigerantes, medicamentos, barbeadores, chuteiras de futebol, produtos financeiros, petróleo e até creme dental tchecoslovaco. Em 1970, um investigador cuidadoso concluiu que ele havia aparecido 54 vezes na televisão brasileira em um só dia. Em sua ubiqüidade, Pelé modificou a paisagem do marketing brasileiro, convertendo-se no primeiro negro a integrar a indústria publicitária (LEVINE, 1980i, p. 244). Apesar de seu acesso vertiginoso à riqueza e à aclamação em todo o mundo, Pelé continuou sendo um homem afável e humilde, um modelo de virtude, além de patrono dos valores morais e sociais do país. Nas palavras de Aldemar Martins, ele era “o filho bom, o amigo leal, o ídolo paciente” (1966, p. 78). Talvez ainda mais importante: Pelé chegou a ser um símbolo muito poderoso, para os brasileiros e para todo o mundo, de que a meritocracia atlética do Brasil era sã e funcionava (LEVINE, 1980i, p. 244).

No Reino Unido e na Europa, a ascensão de Pelé à fama não foi menos imediata, nem sua aclamação menos universal. Contudo, a princípio, os meios de comunicação europeus, nada sabendo de Pelé, tiveram dificuldades na descrição de seus talentos únicos e recorreram a uma gama de exotismos familiares, quando não pautados pelo exagero. No “úmido calor da selva” da final da Copa do Mundo (em Estocolmo), Pelé apareceu como “uma sombra oscilante de relâmpago negro, fazendo malabarismos com a bola como uma estrela de circo”, que, “saltando como um felino selvagem”, marcou o último gol na vitória de 5X2 do Brasil sobre a equipe anfitriã (LORENZO, 1958, p. 8). Segundo o correspondente do *The Times*, Pelé era “uma pantera negra”, um dos “maiores esportistas de um continente distante”, cuja combinação de *atleticidade* nativa e técnica impecável ficou gravada e pulverizou seus oponentes (CAMERON, 1990, p. 64). Ficou evidente, no entanto, que não se podia descrever ou classificar Pelé dentro do conveniente “atletismo negro” quando se multiplicaram as reportagens sobre o seu talento fenomenal. Com um destaque sem precedentes, o perfil internacional de Pelé - lançado na Copa do Mundo da Suécia - foi mantido por várias turnês infatigáveis da seleção brasileira e de seu clube Santos (CAMERON, 1990, p.786-8). Em 1961, na Itália, depois de uma atuação destacada em Turim, o jornal esportivo italiano *Tuttosport* tituló seu artigo sobre a partida: “Pelé vence Juventus por 2X0” (CAMERON, 1990, p.106). A presença aparentemente constante de Pelé e sua atuação extraordinária foram muito mais do que um exemplo para seu clube e seu país - chegou a ser a cara do próprio futebol. Em janeiro de 1961, a nova revista britânica *World Soccer* publicava uma foto de Pelé estampada em sua primeira capa: “Têm-se escrito mais palavras sobre Pelé do que sobre qualquer outro jogador sul-americano de categoria mundial (...)” (CAMERON, 1990, p. 112). Dois anos mais tarde, às vésperas de uma turnê brasileira pela França, a fama de Pelé

era tal que o jornal francês *Miroir du Football* estampou a capa de maio de 1963 com o seu rosto, sem identificá-lo pelo nome (CAMERON, 1990, p. 170). Enquanto estava na Itália, o *Corriere dello Sport* deu as boas-vindas a Pelé, em Milão, com um carinhoso desenho em carvão no qual ele aparecia jogando; um simples título no desenho: “O Rei em S. Siro” (CAMERON, 1990, p. 179). Para os meios de comunicação ingleses, Pelé não apenas aproveitou, mas também trouxe uma recordação dolorosa, isto é, do que faltava no jogo nacional e do quanto havia declinado o domínio britânico anterior:

Pelé, o diamante negro, o melhor jogador de futebol do mundo, fez 23 anos. E isto, quando pensado, é talvez a estatística mais deslumbrante de uma carreira fabulosa. Significa que o destruidor letal moreno, que havia destronado todos os outros ídolos do futebol no imaginário dos aficionados mundiais, não havia ainda chegado ao seu auge pessoal (...) ninguém pode prever o potencial de Pelé. Pelo que sabemos no Reino Unido, a pátria do futebol, não temos ninguém que possa competir com ele, inclusive não há ninguém que possamos comparar ao ágil peso meio-médio negro (MCGHEE, 1962).

Pelé era um novo fenômeno para uma nova época e - junto com Muhammad Ali, o Papa e Neil Armstrong - era uma celebridade mundial em uma época de emergente comunicação global. A televisão não fez mais do que consolidar e difundir o que havia se estabelecido a partir de numerosas apresentações pessoais, nas quais se verificaram sempre os aplausos da imprensa mundial. Os avanços tecnológicos na transmissão e nos satélites significaram que a Copa do Mundo do México, em 1970, foi a primeira e, de modo irônico, a última oportunidade de Pelé brilhar em um cenário mundial, depois que se feriu no Chile, em 1962 e de sua saída temporária da seleção brasileira na Inglaterra em 1966. Suas atuações extraordinárias durante o torneio de 1970, junto com seu papel dominante na final contra a Itália - uma partida que Brian Granville não sem razão chamava de “apoteose” de Pelé -, confirmaram seu status e sua imagem ficou gravada de forma indelével na imaginação global (GRANVILLE, 1984, p.183). Sua famosa cabeçada contra a Inglaterra, em Guadalajara, salva milagrosamente por Gordon Banks; sua cabeçada na final que resultou em um gol e o quarto gol do Brasil, marcado por Carlos Alberto, depois de um passe de Pelé, são imagens familiares por todo o mundo: primeiras recordações folclóricas da aldeia global (GALEANO, 1997, p.135).

Porém, as primeiras representações de Pelé e o seu entusiasmo serviram mais para mostrar aos ingleses as condições sociais da Inglaterra, seu futebol e seus defeitos - notados nas décadas de 50 e 60 - do que o estado verdadeiro do esporte e da sociedade brasileira. Antes da recuperação e do aumento fenomenal da popularidade do futebol inglês nos anos 90, o último período de crescimento do esporte - sustentado

na popularidade pública - ocorreu entre 1945 e 1949. O renascimento espetacular do futebol inglês, nos primeiros cinco anos da década de 90, tem suas origens nos desastres que mancharam a imagem do esporte e do país inteiro durante os anos 80: os incidentes no estádio Heysel, em Bruxelas, em 1985, que levaram à expulsão, por parte da UEFA, das equipes inglesas de competições européias por cinco anos; o incêndio em Bradford, em 1986; e, mais recentemente, o desastre de Hillsborough. O informe de Lord Justice Taylor sobre os acontecimentos no estádio Hillsborough de Sheffield Wednesday, em 15 de abril de 1989, quando 95 aficionados pelo Liverpool morreram pisoteados, propôs várias recomendações com o objetivo de melhorar a segurança pública nos campos de futebol ingleses (TAYLOR, 1990). Taylor recomendou, sobretudo, o fechamento eventual das arquibancadas (onde as pessoas estavam de pé) nos estádios nacionais, com o fechamento das arquibancadas nos campos das duas divisões mais altas para maio de 1994.

Ocorreu uma virada radical no espaço demográfico do esporte, que resultou em uma mudança no seu perfil econômico, devido às melhorias gerais das condições de higiene e comodidade do espectador, junto à renovação inteira da administração do futebol da primeira divisão. Campos menores com assentos resultaram no aumento dos preços dos ingressos, levando a uma mudança no tipo de espectador; os clubes puderam apresentar um novo grupo de patrocinadores (já não mais a cervejaria local apenas, mas, sim, uma companhia multinacional da 'nova economia') que negociava entretenimentos, produtos eletrônicos ou telecomunicações e com um grande desejo de se promover internacionalmente através do alcance cada vez mais global do futebol inglês. O perfil global mais destacado do esporte foi o resultado de uma revolução nos acordos sobre os direitos televisivos entre os clubes e as empresas televisivas. Os ingressos da televisão se dividiam tradicionalmente entre os 92 clubes, com a intenção simbólica de redistribuir o poder e as riquezas: de fato, os clubes maiores e mais ricos subvencionaram seus primos mais pobres das divisões menores. A crescente insatisfação com este sistema e a distribuição de ingressos levaram à renegociação do contrato com a BBC e com a ITV, em 1988, dando aos chamados cinco grandes clubes (Manchester United, Liverpool, Everton, Tottenham Hotspur e Arsenal) uma porcentagem maior dos ingressos mas, ao mesmo tempo, mantendo uma corda de salvação para os clubes das divisões menores. Segundo Taylor, a Associação de Futebol começou a tirar proveito do crescente potencial comercial através da criação, em 1991, da *Premier League* (as primeiras equipes da Primeira Divisão anterior), que negociou um novo acordo lucrativo sobre os direitos televisivos. Antes um dueto cavalheiresco entre ITV e BBC, a briga pelos direitos televisivos converteu-se, de repente, em uma peleja sem precedentes entre as empresas tradicionais

do ramo (desesperadas por manterem o controle sobre os eventos esportivos mais importantes) e as novas companhias por satélite e a cabo que, agressivamente, tentavam ganhar terreno para alcançar uma porção maior do mercado.

Em 1991, a BSkyB, de Rupert Murdoch, pagou 304 milhões de libras por um contrato exclusivo de cinco anos para televisionar o futebol da *Premier League*. Em 1996, a mesma BSkyB negociou um novo contrato de quatro anos que valia 670 milhões de libras, pagando, em meados do ano 2000, 1,1 bilhão de libras por um acordo de três anos que incluía os direitos de televisionar ao vivo 66 partidas da *Premier League* por temporada. Segundo Simon Lee, para os clubes da *Premier League*, a entrada de dinheiro sem precedentes marcou o começo de um “ciclo virtuoso no qual o incremento de ingressos se convertiam em melhores jogadores que atraíam um público maior em estádios reformados exclusivamente com bancos e muito menores. A crescente demanda por entradas tornou possível um aumento de preços, ganhando assim benefícios altos para os acionistas”(LEE, 1998, p.36). Não nos surpreende que, em meados dos anos 90, os clubes mais ricos nunca tivessem vivido um momento tão bom, enquanto que para os clubes das divisões menores as condições nunca foram tão ruins.<sup>4</sup>

Como era diferente a situação no final dos anos 40! Observa James Walvin ao comentar sobre a renovada popularidade do esporte no pós-guerra: “É fácil ver porque o esporte parecia tão atraente (...) como a Nação fez todo o possível para não se deixar impressionar pela austeridade e pela monotonia da guerra e para voltar aos prazeres e passatempos de tempos mais pacíficos” (1986, p.12). Na temporada de futebol de 1948-1949, mais de 49 milhões de pessoas passaram pelas roletas dos estádios para ver as partidas da primeira divisão. Não obstante, o número de espectadores diminuiu deste ponto máximo, constantemente, até a temporada de 1960-1961, quando o número de espectadores baixou para menos de 29 milhões - uma baixa de mais de 35 por cento em pouco mais de uma década. Walvin sustenta que essas cifras declinantes manifestaram “uma mudança nos passatempos do público” (1986, p.12 ).

Todavia, não se pode explicar o declínio na popularidade do futebol, nos anos 50 e 60, somente por fatores exteriores ao esporte. O produto mesmo, sua direção, a administração e o contexto físico e social, onde entretinha e triunfava, contribuíram para a fortuna decadente do futebol inglês. A maior parte das associações inglesas de futebol, além das estruturas de direção e dos projetos arquitetônicos, foram fundados entre 1880 e 1914. As outras principais instituições sociais fundadas durante a mesma época - as indústrias, as igrejas, os cinemas, as moradias públicas e particulares -, todas suportaram as mudanças de massa da primeira metade do século

XX: durante os anos 50, as associações de futebol profissional inglês haviam acabado de sofrer profundas alterações, especialmente sobre as relações profissionais e as condições de trabalho de seus empregados. “Em nenhuma parte da vida profissional moderna, até o fim do século XIX”, afirma Steve Redhead, “teria existido mais paternalismo do que na empresa de futebol” (1987, p.64).

Em uma época na qual “as rupturas da guerra têm fortalecido a solidariedade e a consciência da classe operária”, trazendo melhorias significativas em sua “posição social e seu poder de negociação”, os salários e as condições dos jogadores de futebol profissionais (apesar da popularidade do esporte) continuavam na mesma situação (MARWICK, 1990, p.38). As condições pareciam haver piorado desde a década anterior, quando Jimeny Guthrie - o secretário geral do sindicato dos jogadores de futebol profissional (PFU) - criou o termo “escravo do *soccer*” para descrever a falta de poder dos jogadores. Esta falta de poder se fez solene nos dois princípios fundamentais do sistema de emprego: a retenção e a transferência. Por estes princípios, os empregadores impuseram sua autoridade aos jogadores e fortaleceram o status dos jogadores como recursos exportáveis ou renováveis. Porém, este tratamento dado aos jogadores exerceu uma influência profunda no campo. Como a iniciativa entre os jogadores era algo não desejado e nocivo fora do campo, assim o talento e a arte se ressentiram no campo de jogo e foram excluídos do jogo inglês, sendo substituídos pelas virtudes do trabalho em equipe e pela obediência estratégica. No campo de jogo, esta oposição entre talentosos inconformados e bonecos obedientes encarnava, nas palavras de Julie Burchill, a tensão entre os ‘os artistas’ e ‘os artesãos’: a decadência do jogo local se media na expulsão dos primeiros e no crescente domínio dos últimos.

Não é difícil traçar uma relação direta entre o paternalismo da direção do futebol e os empregadores na Inglaterra e o jogo pesado no campo: se os jogadores são tratados como escravos, jogarão como escravos. De modo irônico, embora os brasileiros tivessem uma história arraigada na escravidão e marcada também pelo paternalismo dos dirigentes dos clubes, o campo de futebol se tornou uma plataforma para a desafiante e feliz expressão da igualdade e da liberdade dos oprimidos. Contudo, para os britânicos, a experiência do futebol, desde a sala de reuniões até os estádios, reforçou as divisões estabelecidas de classe social que tanto marcavam a sociedade britânica. A experiência do jogo no campo em si não proporcionou um escape à submissão das camadas populares, mas, sim, representou um emblema e uma inevitável experiência das normas sociais hegemônicas.

Está aqui o problema da reputação do futebol na Inglaterra. Com sua ênfase no dever antes do prazer, o futebol nos anos 50 era demasiado parecido com

a vida normal, isto é, uma recordação deprimente das realidades desagradáveis da política classista na Inglaterra. A Segunda Guerra Mundial aparentemente havia “derrubado as barreiras entre as classes”, mas os apuros comuns da austeridade e a abundância crescente do pós-guerra e, principalmente, a estrutura fundamental do sistema de classes, mantiveram as desvantagens da vida da classe operária (MARWICK, 1990, p.38). E, em nenhum lugar, era mais clara a persistência destas desigualdades estruturais do que nas arquibancadas, nas tribunas e nos campos da liga de futebol do país. Enquanto evitava a hipotermia e a chuva, o espectador, nas arquibancadas, tinha, muitas vezes, um panorama melhor das classes médias. Sentadas com relativa comodidade nas tribunas acima e ao redor do estádio. Como disse James Walvin: “o futebol, evidentemente, era político no sentido mais amplo” (1986, p.109). Isto explica porque o jogo foi adotado entusiasticamente nas escolas, nas primeiras décadas do século XX, na Inglaterra. O jogo “assegurou, entre as gerações sucessivas de jovens da classe operária, uma aceitação dos códigos de conduta” que impuseram “a disciplina requerida dos operários” (WALVIN, 1986, p. 110).

Assim, pode-se relacionar o declínio na popularidade do futebol inglês, nos anos 50, com um crescente reconhecimento da condição do futebol como um símbolo da desmoralização e do fracasso por parte da classe operária de realizar alguns melhoramentos em sua posição social, apesar de todos os sacrifícios da Segunda Guerra Mundial. Em uma época na qual as novas oportunidades educativas e a nova abundância empurravam as barreiras entre as classes, o futebol representava de forma marcante as desigualdades de classe.

Foi neste contexto que Pelé e, de modo mais geral, o futebol brasileiro assumiram uma importância nos esportes e na sociedade inglesa pelas décadas de 50 e 60. Enquanto os jogadores negros, na Inglaterra, nas palavras de Walvin, se viam como “raros e exóticos” nos campos de futebol dos ingleses (e enquanto apareciam como alvos dos contínuos insultos racistas), o êxito de Pelé, sua riqueza e sua reputação mundial constituíram uma condenação eloqüente contra as desigualdades de classe e de raça e contra a arrogância vitoriana, que frustravam o desenvolvimento do esporte e da sociedade inglesa.

Estas representações de Pelé e do futebol brasileiro poderiam parecer (e em alguns aspectos fundamentais eram) fantásticas e ingênuas. Mas é muito importante que se reconheça que a concretização precisa destas representações são menos importantes do que sua função simbólica. Em 1516, quando Thomas Mores escreveu uma relação de uma república ideal em torno do litoral do Novo Mundo, sua *Utopia* não teve a intenção de oferecer um retrato objetivo de uma sociedade verdadeira. *Utopia* (1516) foi um meio para que Mores pudesse criticar os defeitos de sua própria

sociedade. Por isso, Mores inventou a utopia que os fracassos de sua própria sociedade demandavam. Do mesmo modo, nos anos 50 e 60, o futebol inglês, através dos meios de comunicação e dos aficionados, inventou Pelé e o Brasil de que necessitava para criticar as debilidades de seu jogo e os preconceitos de classe e de raça que prejudicaram seu progresso e impediram o desenvolvimento da democracia. As representações inglesas de Pelé e do futebol brasileiro são parte de uma longa tradição de respostas européias ao Novo Mundo, sobretudo para solucionar os problemas do Velho Mundo e para facilitar seu redescobrimento e renovação contínuos. Pelé e o futebol brasileiro, assim, encarnaram um protesto indiferente contra as limitações sufocantes da sociedade inglesa na década de 50 e na primeira metade dos anos 60. Se, nos Estados Unidos, Jack Kerouac protestou contra as ortodoxias da mesma época, viajando, bebendo e escrevendo, tudo indica que os ingleses fizeram seu protesto contra o ritmo lento das mudanças sociais ficando de pé embaixo da chuva, enquanto assistiam ao futebol e sonhavam com Pelé.

KEVIN FOSTER é professor do Departamento de Literatura Inglesa da Monash University, em Melbourne, Austrália. É autor de numerosos artigos sobre a construção sociocultural dos conflitos de Falklands e do Golfo e têm publicado artigos sobre George Orwell, a ficção africana e a cultura popular da Austrália. É também o autor de *Fighting Fictions: war, narrative and national identity*, publicado no ano de 1999, em Londres.

## NOTAS

1. Agradeço a Stewart King pelas suas traduções. Um agradecimento especial ao meu amigo Claudio Uno, cuja ajuda na tradução da versão original desse texto (na sua casa em Buenos Aires, entre muitas empadas e café) fez dele um co-autor virtual.
2. Janet Lever, que trabalhava no Reino Unido durante as finais da Copa do Mundo de 1966, notou como “o triunfo da seleção nacional foi uma luz brilhante no Reino Unido durante uma época marcada pela contínua perda de poder mundial e uma economia em crise” (Lever, 1983, p. ix).
3. Para um tratamento mais detalhado, ver: Mason (1996) e Thompson (1998).
4. Para mais detalhes sobre este tema, ver: CORRY, D.; WILLIAMSON, P.; MOORE, S. *A Game Without Vision: the crisis in English Football*. London: Institute for Public Policy Research, 1993.

## BIBLIOGRAFIA

- CAMERON, Angus. *The Pelé Albums*. Willoughby: Welson, 1990.
- CLARKE, Peter. *Hope and Glory: Britain 1900-1990*. Londres: Penguin, 1996.
- CORRY, D.; WILLIAMSON, P.; MOORE, S. *A Game Without Vision: the crisis in English Football*. Londres: Institute for Public Policy Research, 1993.
- GALEANO, Eduardo. *Football in Sun and Shadow*. Londres: Fourth Estate, 1997.
- GLANVILLE, Brian. *The History of the World Cup*. Londres: Faber and Faber, 1984.
- LEE, Simon. Grey Shirts to Grey Suits: The Political Economy of English Football in the 1990s. In: BROWN, Adam (ed.). *Fanatics! Power, Identity and Fandom in Football*, Londres: Routledge, 1998.
- LEVER, Janet. *Soccer Madness*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- LEVINE, Robert. Sport and Society: the case of brazilian futebol. In: *Luso-brazilian Review*, v.17, n. 2, p. 233-252, 1980i.
- \_\_\_\_\_ The Burden of Success: futebol and brazilian society through the 1970s. In: *Journal of Popular Culture*, v. XIII, n. 3 (Winter 1980), p. 453-464, 1980ii.
- LORENZO, Peter. Football fabuloso. In: *Daily Herald*, 30 jun. 1958.
- MARTINS, Aldemar. *Brasil-futebol-rei*. Rio de Janeiro: Record, 1966.
- MARWICK, Arthur. *British society since 1945*. 2 ed. Londres: Penguin, 1990.
- MASON, Tony. *Passion of the People?: football in South America*. Londres: Verso, 1995.
- MCGHEE, Frank. How to be the greatest footballer in the world. In: *Daily Mirror*, 24 out. 1962.

- MORE, Thomas. [1516] *Utopia*. Harmondsworth: Penguin, 1961.
- MURRAY, Bill. *Fotball: a history of the world game*. Lonres: Scolar Press, 1994.
- MURRAY, Bill. *The World's Game*. Chicago: University of Illinois Press, 1996.
- FISH, Robert L. *Pelé: my life and the beautiful game*. Londres: New English Library, 1976.
- REDHEAD, Steve. *Sing when you're winning: the last football book*. Londres: Pluto Press, 1987.
- TAYLOR, Lord Justice. *The Hillsborough stadium disaster (15 April 1989), inquiry by the Rt Hon. Lord Justice Taylor, Final Report*. Londres: HMSO, 1990.
- THOMPSON, Chris. *The Beautiful Game: a journey through latin American Football*. Londres: Phoenix, 1998.
- WALVIN, James. *Football and the decline of Britain*. Londres: Macmillan, 1986.